

Director: AZEVEDO MARTINS

ANO II - 1963 - N.º 74 - PREÇO DO SEMANÁRIO: 2550 - 27 DE FEVEREIRO DE 1963 - PROP. DA EDITORA LUX, LDA.  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA FRANCISCO SANCHES, N.º 8 — TELEF.: 4 86 15 — LISBOA  
EDITOR: ALEXANDRE MARTINS — COMP. E IMP.: RUA VITOR BASTOS, N.º 12 - A — TELEFONE: 68 27 06

TAMBÉM AS  
PALAVRAS  
FINAIS (mas  
não epítáfio)

de ALEXANDRE  
PINHEIRO TORRES  
e VERGILIO FERREIRA



O FOTÓGRAFO DEFORMADOR

V. F. APRESENTA NOVA RABULA — Ei-la: «...desta vez Pinheiro moderou-se».

Pergunto: Quem lho disse? Pelos vistos, o olho de linca das «rápidas subtilidades» e das «tempestades-da-morte-bem-cultivadas» quando o enfermeiro dá a injeção vira a cara para o lado e contempla as flores do tecto. *Ignora*, não se apercebe, quando lhe convém.

*Ignora*: não se reportando à minha resposta de há duas semanas, vai buscar novas coisas, e, para principiar, *pour épater les bourgeois*, revela o grande trunfo que tinha na manga. Eu referira, na crítica a Almeida Faria, que Vossler *opunha* «categorias gramaticais e psicológicas». V. F. joga a cartada. Vossler disse: *podiam opor-se*. Não fui nem na altura, nem agora, «consultar o tratado. Citei de memória. O Vossler, desculpa a vírgula.

(Continua na página 6)

«O fotógrafo mais burlesco do mundo», tal é o título que Weege se atribui. Quem é Weege? Fazer a pergunta seria injuriá-lo. Ele está persuadido de que a sua fama iguala a das mais conhecidas personagens da nossa época.

Weege nasceu na Áustria e foi para a América aos dez anos. Apaixonou-se muito novo pela fotografia. Sem formação especial, fotografa tudo o que vê na rua. Pouco a pouco organiza-se. Compra automóvel, depois casa.

Em 1944, o seu livro «The Naked City» revela aspectos desconhecidos de Nova Iorque. O livro está na origem do filme «A cidade sem véu».

Aborrecido de Hollywood, aperfeiçoa a sua aparelhagem por meio de lentes especiais e cria a fotografia-caricatura.

Em cima: Picasso e Dalí

NESTE NÚMERO:

ALEXANDRE PINHEIRO TORRES responde a Vergílio Ferreira. Entrevistas com JOÃO APOLINÁRIO, SERGE FARKAS e GEORGES MONAL.

Oh humorista SANTOS FERNANDES responde ao questionário de Proust.

Um artigo de ROGER BORDIER.

Crítica literária, por ALEXANDRE PINHEIRO TORRES.

Uma novela de MARTA DE LIMA.

MANUELA DE AZEVEDO escreve sobre bailado.

Crónica de Madrid, por VICTOR AÚZ.

MICHEL MESNIL aprecia o cinema de Jean-Luc Godard.

Cinema de Paris, por JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA.

Os Prémios da Crítica-62.

Críticas: Música, por MANUEL DE LIMA; Bailado, por TOMAZ RIBAS; e Teatro, por URBANO TAVARES RODRIGUES.

DEVEMOS RECEAR  
O NOSSO TEMPO?

Por ROGER BORDIER  
(em rigoroso exclusivo para o nosso jornal)



A nostalgia, sob as suas diversas formas, é o sentimento mais acessível à reflexão literária. Daí uma certa tendência para empurrar sempre um pouco mais o indivíduo para as suas terras inabitáveis, a cristalizar em tipos romanescos um mundo inteiro de saudades, de recordações, de ideias longínquas, de falhanços e de desconfiâncias, a passar, melhor do que outras pela disciplina de uma linguagem interior. Mas o que aqui importa muitas vezes é menos um reflexo moral do que uma ideia de redução. Em literatura como em amor, o encanto tenebroso faz sempre o seu efeito. O que conta antes de mais é o rejuvenescimento. E verdade que os métodos não faltam. Pouco importa: na origem também os meios são diversos.

Não há só esse vazio interior com as suas delicadezas um pouco em atraso, como a indecisão sorridente e trocista, os seus excessos demasiadamente conhecidos, mas o belo de-

sespero fatal ou a morbidez complacente. A desenvoltura tem a sua palavra a dizer e, quando toma alguma altura, é certo que não lhe falta nem convicção nem graça. Senão, claro está, espreita-a a monotonia. Além disso, a elegância tem talvez as suas melhores armas no cinismo. Mas nem os talentos nem as escolhas estão em causa, se a habilidade pode por vezes ser desmascarada (como noutros domínios... e o que de início convida a natureza humana alertam os limites do género, os clichés, as falhas, os sistemas que um valor espiritual, uma aparente preocupação de estudo e mais de um prestígio, dissimulam muito bem. Esquemáticamente, o herói que surge destes processos, se vem sempre é ou não é completamente místico, fica muito aquém das condições reais e a sua existência singular — que a poesia não salva por força — traduz uma velha recusa, uma alienação sistemática, procedente de uma preocupação de nobreza: numa palavra, uma certa parte do ser seria indigna dos trabalhos do espírito.

(Continua na página 2)

«UM TEATRO QUE NÃO HÁ  
NÃO PODE ORIGINAR UMA CRÍTICA  
QUE TODOS DESEJAMOS» — afirma

JOÃO APOLINÁRIO

Aceito-o, no entanto, para facilitar uma resposta breve e objectiva. Digamos, pois, que encaro mal a «temporada» de 1962/63 por tudo quanto nela vejo já repetir os erros crassos da comercialização do espectáculo; o alheamento do público, mesmo aquele que gos-

ta de teatro e sempre se tem mostrado mais consciente dos seus problemas, tudo isto arrastado de temporada para temporada em constante agravamento.

Por outro lado (e por absurdo que pareça) encaro a presente temporada com o mesmo optimismo, a mesma esperança, a mesmíssima satisfação que, de há dez anos, pelo menos, venho sentindo na resistência, no cerrar os dentes, na voluntariosa luta de quantos, não obstante terem tudo ou quase tudo contra eles, continuam a preparar-se no silêncio e no silêncio vão construindo um novo teatro para substituir o velho e, também, um novo público para ele, para quando ambos se encontrarem, o que será inevitável, no lugar próprio — que é aqui — e na hora exacta — que há-de chegar — para seu mútuo renascimento.

Por tudo isto lhe digo que esta



— Como encara a temporada de 1962/1963?

— A improvisação que caracteriza entre nós o espectáculo teatral, devida a razões de toda a ordem, aliás conhecidíssimas e comentadas em todos os tons, não me deixa aceitar imediatamente o conceito de «temporada» que parece pressupor a sua pergunta.

(Continua na página 15)

# TAMBÉM AS PALAVRAS

# FINAIS

(Continuação da pág. 1)

Esgotado o trunfo, mas ainda como mágico, V. F. arma o outro truque. E, então, como diriam os nossos irmãos brasileiros, *banca o Galaaaz*, o homem sem *clique*, o solitário, o *Lonely Wolf*, e ataca a *clique* neo-realista que nos cafés resmungam, conspira, trama contra ele.

Seja corajoso, V. F.: Quem são esses neo-realistas? São todos, são apenas alguns? Aponte nomes. Não pode? Não sabe? Então, não fale à toa.

Vai mais longe. Afirma que me *passaram a bola*, e insinua que fui encarregado, à Zhdanov, para o «provocar». Rotula-me de «provocador». Isto é grave, V. F.! Como prova? Estas coisas nos tribunais dizem-se com *provas*, com *nomes* ou então é-se internado por *mania-da-perseguição*.

V. F. *banca* o intelectual que está sozinho, contra tudo e contra todos, na Torre de Marfim, representa o papel daquele que *há-de ter razão no séc. XXI*. V. F. rabuja: «Eu é que estou no verdadeiro caminho, contra essa malta de mediocres que resmonça (sic) nos cafés».

Então, consegue ir mais longe que a sua própria *persona* (6 milagre!), e afirma que a *QUESTÃO* nos transcende. Nesta altura, idealiza uma *fera*, na qual faz concentrar todos os defeitos exibidos por aquelas obras neo-realistas que em Portugal parecem ter falhado, e, ao preparar-se para o diagnóstico, põe as cartas na mesa, ao mesmo tempo que compõe uma espécie de *Requiem* ou *De Profundis* do neo-realismo.

O «*ENTERRO*» DO NEO-REALISMO — Para ele a primeira questão que NOS transcende era esta afinal. Como alguns outros *sacerdotes* andassem, há muitos anos, empenhados na celebração de umas exéquias que, por prolongadas, se estavam a tornar maçadoras, V. F. atestou o estetoscópio nos pulsos da *fera* e declara: «Está morta». Nesta altura, pergunta o público: mas vale a pena bater em mortos? Parece que sim, pois V. F., após declarar que a *fera* está morta, atalha: «E se, de facto, não morreu vive apenas numa agonia que se prolonga...».

socialista, rectificando, aprofundando, renovando posições e enriquecendo-se pela exploração de ângulos até então não aproveitados? Ainda ontem (5.ª f.) li isto, escrito por João Gaspar Simões, na página literária do *Diário de Notícias*: «Jorge Reis é talvez o primeiro prosador do neo-realismo... Entre Eça de Queirós e Alves Redol — eis que o neo-realismo português com *Matai-vos uns aos outros*, alcança a sua bossa retórica», etc. etc. Ora bem: parece, então, que a *fera* mexe, a *fera* respira, e, sobretudo, a *fera* CRESCE. A *fera* sangra de boa saúde. V. F. clínico-côveiro pode tirar a bata e abandonar a enxada à ferrugem. Os Torres declaram que o enterro fica adiado.

A QUESTÃO AINDA MAIS ALTA QUE TRANSCENDE AS OUTRAS — De resto, há uma questão que transcende os Torres e os Vergilios, e transcende também os *realismos* com *r* pequeno (há, agora, uma chuva de *realismos* por toda a parte. Já a gente mal sabe como governar-se nesta floresta) há uma questão, pois claro!, que transcende o neo-realismo ou o *realismo socialista* — já é tempo de começarmos a chamar as coisas pelos seus nomes) acaba assim por declaração pública de quem quer que seja? Onde estão as *PROVAS*? Como documenta V. F. tal afirmação, quando as obras dos seus maiores representantes: um Cholokov, um Aragon, um Vailland, um Pavese, um Vittorini, um Jorge Amado, um Ehrenburg, etc. etc. estão *vivas* e bem *vivas*?

Logo por ironia, o novo ataque de V. F., no número anterior deste *Jornal*, saiu lado a lado com a valiosa reportagem de Luísa Dacosta sobre o colóquio com Alves Redol, no Porto, orientado pelos críticos Oscar Lopes e Taborda de Vasconcelos. Escreve Luísa Dacosta: «Sobre o neo-realismo, (Alves Redol) nem o considerava um movimento estático, nem morto, uma vez que estavam vivos autores como Manuel da Fonseca, Carlos de Oliveira e Fernando Namoras».

Alves Redol não se citou a si mesmo, como é evidente, mas V. F. lembrar-se-á que ele escreveu ainda há bem pouco o seu melhor romance neo-realista: *Barranco de Cegos*. E eu não cito mais gente, não exibo aqui uma lista, para que não se diga que me *apoio* em *nomes*. Não preciso de me *apoiar* em *absolutamente ninguém*.

Pergunto apenas: morto o neo-realismo em Portugal quando, com frequência, aparecem novos livros que se encaixam dentro da cosmovisão diamétrica do *realismo* Aparição, a *angústia* metafísica.

V. F. não se quer responsável em relação ao seu tempo. Prefere pegar nas coordenadas que temos e alterá-las para a posteridade. O *fiscal das pareências* (que sou eu) declara que V. F. ao encolher ombros às *pareências*, da forma como muito especialmente o faz, mergulha na *ficção pseudo-científica*. Ao menos, tenha a coragem de um Orwell e ponta: «1984». V. F. escreve para o séc. XXI que é mais fácil. Preocuparmo-nos com o séc. XXI é mais cómodo... Alijam-se *responsabilidades*, o que é uma garantia de vida tranquila e *aposentada*. Mas ao escrever para o séc. XXI, V. F. esquece que cria para o século vindouro *limitações* que *não sabe* se esse século terá.

Foi pena V. F. ter-se ficado pelo Sartre da 1.ª fase porque o Sartre da 2.ª fase escreveu (*Présentations des Temps Modernes*): «Costuma lamentar-se a indiferença de Balzac em relação às jornadas revolucionárias de 1848; a incompreensão timorata de Flaubert perante a Comuna; e se se lamenta é por causa dos próprios escritores, pois na atitude deles há um fracasso, algo que falta; algo que para sempre perderam. Nós não queremos perder nada do nosso tempo. Talvez tivesse havido épocas melhores; mas esta é aquela em que vivemos. Temos esta vida para viver, no meio destas guerras, destas crises».

O que, fundamentalmente, NOS ultrapassa é a questão mais alta da RESPONSABILIDADE do escritor para com a sua época (uma *Responsabilidade* estreitamente ligada à *Liberdade*). Responsabilidade que leva o escritor ao Realismo; é essa mais alta questão de Responsabilidade (e não qualquer bife, porque quem tem bifas a defender são os que voltam costas aos problemas) que me leva, sem procuração de NINGUEM e com a procuração de MUITOS, a fazer frente aos neo-romantismos, aos irracionalismos, aos idealismos, às metafísicas desbragadas que para aí campeiam, os quais (será necessário prová-lo?) constituem PROCESSOS MISTIFICATORIOS DE ALIENAÇÃO DA REALIDADE SOCIAL, PROCESSOS DE O ESCRITOR FUGIR AS RESPONSABILIDADES QUE TEM PARA COM A SUA ÉPOCA, processos que não servem ao nosso *aquí- agora*, por muito *progressivos* que alguns dos seus representantes se possam mostrar, sob um ponto de vista estritamente *formal*. Não NOS servem. Não servem especialmente à juventude-burguesa-aparicada-e-de-barriga-cheia que, em vez de se procurar *desalienar*, se vai *prevertendo* (é o termo, do qual não abdicou) com *mixórdias* metafísicas, que nem sequer têm o mérito de serem em terceira ou quarta mão!

A «*MÁ CONSCIÊNCIA*» de V. F. FALA E ELE QUER PROVAVAR QUE É MATERIALISTA — Pensou Vergílio Ferreira que eu ia ir à gargalhada quando se declarou *materialista*. Não ri. Tive pena. Rir, devem-se ter rido os alunos dos 6.º e 7.º anos dos liceus ao apreciarem a *prova* que V. F. nos apresenta ao seu *materialismo*. Vale a pena gastar umas linhas a apreciar o caso. O *materialista* (que é o Torres) empurra V. F. Este bate com a cachola na pare-

de. Ganha uma dor de cabeça. Nesta altura, quando o *materialista* lhe *explica* a dor de cabeça pela causa que a motivou (e seria assim que os *materialistas*, sob um ponto de vista gnoseológico, tentariam provar o seu *materialismo*?), V. F. revolta-se contra a *explicação*, por esta não lhe ter tirado a dor de cabeça. Revolta-se. Revolta-se porque a *explicação* implica *responsabilidade*. O facto que *explica* é um *facto responsável*. V. F. nada quer saber dos *factos responsáveis*. Não convém tanto, às vezes, calar os *factos responsáveis*? E é aqui neste ponto que V. F. diz que nos separamos. Declara: «eu acredito na dor de cabeça que realmente me incomoda». Para principiar queria V. F. que a *explicação* (conhecer o *facto responsável*) lhe tirasse a dor de cabeça. Como médico consumado que provou ser — o tal que declarou estar *morta* a *fera*, para depois a dar apenas por moribunda — queria também que o diabético, que não sabe do que padece e se abeira do clínico, encolhesse os ombros perante a *explicação*. Claro que só a *explicação* não tira a dor de cabeça, nem cura o diabético. Até aqui raciocinou V. F. Mas raciocinar que a *explicação*, o conhecimento do *facto responsável*, é *necessária* para a cura, até aí, não foi ele. Que V. F. prefere a cura mágica dos bruxos da Tenda de Abracadabra, que esses, sim!, esses curam com *mézinhas*, por razões que só eles sabem. Mas a famosa *prova* (?) prossegue. V. F. *acredita* na dor de cabeça. E, então, como bom fenomenologista que se preza de ser, coloca-a «entre parêntesis». V. F. acredita no *efeito*: a dor. Quer lá saber de causas? Pega na dor ao colo e embala-a. E que os Vergilios ficam contentes, deliram, quando apanham uma dor de cabeça. Agarram uma *angústiazinha* e não correm para o *psiquiatra* lhes recitar um *harbitórico*, um *probamato*, uns *electro-choques*, uma cura de repouso, a pesca à linha, o complexo B. Se alguém lhes diz que a *angústia* pode ser efeito de uma distonia neuro-vegetativa, revoltam-se. Os Vergilios *acreditam* nas suas (deles) *angústias*. Hipostasias-nas. E, ao hipostasias-las, no mesmo momento em que as transformam em hipóstases, à maneira de Platão ou Plotino, vêm declarar que são *materialistas*. É claro que V. F., que eu julgava desprovido do sentido do humor, apresentou esta anedota para o Chiado não andar tão triste. O Chiado, ao rir, agradece!

O MUNDO VISTO À LUZ DA «ANGUSTIA» — Os Vergilios delirantes apanham uma *angústia*. E aproveitar! Passarão, então, a ver o mundo à luz da *angústia*! Como desejam arranhá-las as feridas em silêncio, perturbam-se com a crítica salutar dos que não consideram a *náusea* ou a *angústia* como *valores*. Todavia, ninguém os impede de serem *masoquistas*! Ora essa?! A vontade! Cada um pode exprimir o que entender, da *forma* como o entender. Mas que não se interdite o direito ao livre exercício da crítica. Isto é que é fundamental.

Que a crítica de Vergílio Ferreira ao *realismo socialista* revela uma total incompreensão do que este seja... Se assim não fosse não atiraria *trechadas* aos neo-realistas que nas suas poesias revelam *pessimismo* (como se alguma cartilha os obrigasse a serem *optimistas*) ou «aos que puderam cultivar a expressão *difícil* em sos-

(Continua na página 12)

## DIÁRIO DO SR. YPSILANTE

«... A publicação deste diário não me põe qualquer problema de consciência. É evidentemente possível que os herdeiros do Sr. Ypsilante não a aprovem. Mesmo assim, teriam ainda de demonstrar a autenticidade destes escritos e assim, estabelecer que transpôs os limites das modestas liberdades concedidas à literatura dos nossos dias...»

# ANDRÉ KEDROS

coleção ENCONTRO — volume n.º 24 — 45\$00 à venda nas livrarias



# A CONCLUSÃO DE PINHEIRO TORRES

(Continuação da pág. 6)

sego». Afinal, no meio desta conversa toda, a única pessoa que tem uma noção patarrega do neo-realismo é o próprio V. F. Que teóricos da estética do realismo socialista leu V. F.? Declara que não gosta do Lukács (não admira: o retrato que o húngaro fez do existencialismo não é para fazer as delícias de um cultor de Heidegger ou Gabriel Marcel), mas além de Lukács, que aliás tem tantas faces diferentes (terá gostado de alguma)? Bem... considero que não estamos muito à vontade para discutirmos as fontes.

**ABEL SALAZAR E AS QUESTÕES ARTE PELA ARTE E ARTE SOCIAL** — Que o diagnóstico de uma noção patarrega do realismo socialista está certo em relação a V. F., prova-o o facto de V. F. julgar esmagar-me com duas transcrições que faz de Abel Salazar. Diz este: «A tese arte humana podemos considerá-la um pleonasmo inútil», e V. F. pergunta-me: *Então a minha arte também é humana?* Claro que é! E quem lhe disse o contrário? A tese arte humana é inútil pela simples razão de que toda a arte é humana, i. e., feita pelos homens e para os homens. Nada ainda se sabe sobre a existência de uma arte canina, giráfica ou rimocerônica. O que é preciso, porém, é definir em nome de que espécie de humanismos esse adjectivo humano se assume. Dada a proliferação de humanismos, registre-se que os neo-realistas reivindicam como verdadeiro humanismo o que está implícito na mundividência diamática. «O existencialismo é um humanismo», afirmou Sartre e afirmou V. F. Para os existencialistas será o *deles* o verdadeiro humanismo, e assim por diante. Que se critiquem os humanismos à luz uns dos outros e se veja qual deles é o menos desalienado.

A outra citação de Abel Salazar é: «A questão da arte pela arte e da arte social, arte humana e que-

jandas (é) das coisas mais vazias e mais estereis que se têm sobre o assunto inventado». E V. F. interroga, julgando-se salvo: «Como assim? Estéril e vazia toda a tagarelice de Torres?». Mais uma vez V. F. não percebeu que para um Abel Salazar tal questão é estéril. Como é estéril para mim, ou para um Mário Dionísio (a que, adiante, V. F. também recorre), ou até para o Sartre da 2.ª fase (já citado). Estéril porque TODA A ARTE E SOCIAL, está radicada no Social e é função do Social. É preciso, porém, definir o contexto em que se inscreverá ou tomará esse Social. No sentido da alienação ou da desalienação? O de Sartre, que eu atrás citei (já empreguei, algures, a mesma citação), é num sentido desalienatório. O de V. F., implícito na *Aparição* ou *Estrela Polar* é num sentido alienatório.

Quanto à referência que faz a Mário Dionísio, a propósito de *mistério*, julgará V. F. que o autor de *A Paleta e o Mundo* fala nisso como convite ao metafisicismo, ou seja *convite à valsa?*

Tendo V. F. feitas umas perguntas, que se registem as respostas:

**ACASO PARA SE SER PROGRESSISTA É NECESSÁRIO SER-SE NEO-REALISTA?** Pode-se ser progressivo em arte sob o ponto de vista formal, e reaccionário sob o ponto de vista ideológico. Julgo que não é preciso acrescentar mais nada, a não ser que V. F. também já deu a sua resposta, a qual aqui se regista: «O neo-realismo não pode ser progressivo porque está morto, e os mortos não são progressivos». Ele é quem considera, portanto, QUE PARA SE SER PROGRESSIVO NÃO SE PODE SER NEO-REALISTA.

Registados estes depoimentos todas as outras perguntas sobre o neo-realismo são perfeitamente ociosas.

**NÃO ACHA TORRES QUE TEMOS ENFIM DIREITO A estar um pouco fartos de manobras sur-**

das para a defesa do rípanço? Acho, sim senhor. Tanto assim, que me permito «perturbar» o rípanço de V. F.

**«APARIÇÃO» É OU NÃO É UM GRANDE ROMANCE?** — Não é, não senhor. Nunca afirmarei a V. F. nem a NINGUEM que *Aparição* fosse um grande romance. É certo que o defendi em conversas com amigos, quanto a ataques que não tomavam em linha de conta certos aspectos plásticos da obra, a que fui sensível. A descreminação, por alto, dos aspectos do romance, em relação aos quais eu assumira a defesa, perante amigos que não citei, deve ter levado V. F., que a ouviu da minha boca, perante uma testemunha, a atribuir-me uma opinião que nunca tive, nunca proferei, e, sobretudo, nunca escrevi. O que pensava da obra e o que penso poderá, quem quiser, lê-lo no n.º de *Março* da *Seara Nova*, que publicará o meu artigo sobre V. F., escrito e entregue na Redacção daquela revista em Dezembro de 1962.

Lamento, sinceramente, que V. F. haja descido ao recurso a conversas particulares. Para me apanhar em falta? Como vê, nem essa chance lhe deixo. E se eu — olho por olho, dente por dente — usasse truques baixos viesse para aqui trazer a dedicatória que V. F. chapou no exemplar da *Estrela Polar* que me ofereceu? Tinha a sua piada, não tinha? Muita gente havia de rir!

**Moral da história** — É preciso conhecer as regras do jogo. Eu conheço-as. Pode estar descansado quanto à dedicatória.

**ESTAMOS A FALAR DE ARTE E NÃO DO CÓDIGO DAS ESTRADAS.** Perante a subtilidade de V. F., tenho a declarar: o exemplo é infeliz. Porque o sr. Stendhal, um pobre escriba, afirmava que gostaria de escrever na linguagem do Código Civil.

Para terminar com «Pinheiro «não reposto» na «ordem» de V. F.:

Não vou mais em conversa sobre assuntos pessoais. O meu ponto de vista ficou atrás devidamente expresso. E fique V. F. a saber: a minha cegueira neo-realista é tão grande que, ainda no dia 10 de Outubro de 1962, eu escrevia neste jornal: «A mundividência neo-realista é apenas uma entre várias. Que os neo-realistas a considerem, por virtude da filosofia que traz implícita, a mais capaz de uma interpretação correcta, não mistificada, do mundo e do homem, isto é perfeitamente natural. Mas daí a afirmarem com carácter dogmático que é o único caminho de se fazer arte, vai uma distância infinita. Para fazer arte cada qual tem de descobrir o seu próprio caminho, dentro ou fora da cosmivisão neo-realista. Proust, Kafka, Camus ou Aquilino Ribeiro não precisam de ser neo-realistas para serem grandes».

V. F. tem, pois, a «licença» dos Torres para escolher o caminho que entender. É perfeita estultícia supor que o «provocam» por já não ser neo-realista. Isto seria perfeitamente caricato. Que V. F. prove ser um criador literário original, e não escreva romances maus como a *Estrela Polar*, sobre o qual tem mantido nesta controvérsia um silêncio significativamente prudente. Que escreva os bons romances que é lícito esperar do indementvel talento que tem provado e já provou possuir em obras como, por ex., *Vajão J* e *Manhã Submersa*. Mesmo que sejam alienatórios os Torres dirão que são bons romances. Poderão e deverão, depois, desmascarar os aspectos alienatórios em que tiverem incorrido.

Julgamos ser este o verdadeiro caminho. E natural que erremos. *Errare humanum est...*

O diálogo está terminado. O único plano em que poderia continuar seria aquele em que, na realidade, discutissemos a grande questão: É OU NÃO É O ESCRITOR RESPONSÁVEL PARA COM A SUA ÉPOCA? O irracio-

nalismo, os metafisicismos etc., etc., são compatíveis com essa responsabilidade? Devemos, perante o NOSSO aqui-e-agora querermos-nos IRRESPONSÁVEIS? Problemas de primordial importância.

Perante eles, as questões pessoais, as alusões pessoais, para além das ideias, não têm o MINIMO interesse. Não estamos em Hollywood. E não somos a Elsa Maxwell. A não ser que V. F. queira continuar no fácil alívio de me chamar ora por Pinheiro, ora por Torres. Mas se isso lhe dá consolo, faça favor. Sempre sai mais barato que o Probatato: rima e é verdade.

Em Lisboa, 6.º f.º, 22 de Fevereiro de 1963, séc. XX, sem sputniks e sem o problema do metabolismo basal totalmente resolvido, mas, em compensação, cada vez com mais Figuras empregadas na COMPANHIA - DE - FOMENTO - DOS - PROBLEMAS - DA - ALMA.

Alexandre Pinheiro Torres

## TRÉPLICA DE VERGÍLIO FERREIRA

Além de pequenas «gralhas» fácilmente corrigíveis pelo leitor, nomeadamente as de pontuação (v. g. na p. 11, «como oficiais» que exige atrás um ponto final, devendo pois ler-se «Como» etc.; ou na mesma pág., «não acha» que deve emendar-se para «Não acha») chama-se a atenção para: das suas obras privativas (p. 11) que deve ler-se: das suas dores privativas; e ainda para: Bem (pág. 11) que deve ler-se: «Bem».

## SER

Sou muitas vezes aquilo que não [sou e trago pássaros selvagens que se [gritam. Sou muitas vezes aquilo que seria se houvesse luz nos fossos, céu, estrelas, justiça ou Deus que nos falasse. Sou muitas vezes, nada que se [passe, nada que se creia ou se resulte, como a semente estéril nos estrumes. Sou... Não sou... — Sou a faca dura de dois gumes, que pode agora cortar pão ou abrir na crosta dum vulcão crateras por onde depois sigo em voragens ímpias de abutire. (Sou eternamente aquilo que não [sou... e vou... no fogo rubro que me nutre).

Júlio Giraldes

27 DE FEVEREIRO DE 1963

## A APRESENTAR BREVEMENTE EM PORTUGAL...



### Potez 840

O AVIÃO MODERNO E ECONÓMICO, COM VELOCIDADE DE CRUZEIRO DE 500 Km/h, QUE TEM OBTIDO O MAIOR ÊXITO NOS PAÍSES EM QUE TEM SIDO APRESENTADO

### Saprel